

A LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

1.A EDIÇÃO



JULIANA NEVES FIGUEIREDO SAIKKONEN
ROBERTO ANDERSON FIGUEIREDO SAIKKONEN

ISBN- 978-65-84809-19-2
SÃO PAULO | 2022

Juliana Neves Figueiredo Saikkonen
Roberto Anderson Figueiredo Saikkonen

A LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

1ª Edição


ISBN- 978-65-84809-19-2
2022


ISBN: 978-65-84809-19-2


CDL



9 786584 809192

 <http://periodicorease.pro.br/>

 contato@periodicorease.pro.br

 +55(11) 94920-0020

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

S158l Saikkonen, Juliana Neves Figueiredo.
A leitura na educação infantil [livro eletrônico] / Juliana Neves Figueiredo Saikkonen, Roberto Anderson Figueiredo Saikkonen. – São Paulo, SP: Ed. do Autor, 2022.
60 p. : il.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-84809-19-2

1. Leitura (Educação infantil) – Estudo e ensino. 2. Crianças – Livros e leitura. 3. Incentivo à leitura. I. Saikkonen, Roberto Anderson Figueiredo. II. Título.

CDD 372.21

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

1ª Edição - Copyright© 2022 dos autores.

Direito de Edição reservado à Revista REASE.

O conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade do(s) seu(s) respectivo(s) autor(es).

As normas ortográficas, questões gramaticais, sistema de citações e referencial bibliográfico são prerrogativas de cada autor(es).

Editora-Chefe Dra. Patrícia S. Ribeiro
Revisão Os autores
Projeto Gráfico Ana Cláudia Néri Bastos/ Talita Tainá Pereira Batista

Conselho Editorial Alfredo Oliveira Neto, UERJ, RJ
José Fajardo, Fundação Getúlio Vargas
Jussara C. dos Santos, Universidade do Minho
María Valeria Albaronedo, Universidad Nacional del Comahue, Argentina
Uaiana Prates, Universidade de Lisboa, Portugal
José Benedito R. da Silva, UFSCar, SP
Pablo Guadarrama González, Universidad Central de Las Villas, Cuba
Maritza Montero, Universidad Central de Venezuela, Venezuela

SUMÁRIO

Apresentação	08
Capítulo I-	14
Capítulo II	27
Capítulo III	40
Conclusão	54
Referências	57

Trabalhar com crianças é enriquecer nossa experiência de vida, pois há desafios ao longo do caminho. Nesse contexto, a iniciação à leitura desde a educação infantil abre espaço para que as crianças busquem os prazeres da leitura.

Acreditamos que o ato de o professor contar histórias para as crianças pode desenvolver diferentes formas de linguagem e ampliar seu vocabulário. A leitura também permite que ela realize sua imaginação de uma forma divertida e prazerosa.

Mas como os professores podem contribuir para o processo de leitura que se inicia na educação infantil sem perder sua disposição lúdica e alegre? O objetivo deste trabalho, portanto, foi buscar na literatura bibliográfica subsídios teóricos que auxiliem pesquisas para estimular o prazer pela leitura, a partir da educação infantil, e verificar quais recursos os professores podem utilizar no processo sem perder seu caráter lúdico.

A referida proposta de um “momento de leitura” a princípio aparentou que resultaria num interesse passageiro por parte das crianças, mas o tema foi surpreendente à medida que era percebido como as crianças cada vez mais se interessaram pela leitura. Com essa experiência em sala de aula, surgiu o interesse pela pesquisa sobre a análise da leitura como instrumento de prazer, iniciada desde a educação infantil.

A proposta de um "momento de leitura" causava receio por parecer, a princípio, um interesse passageiro nas crianças, mas o assunto foi

surpreendente, visto que as crianças passaram a se interessar cada vez mais pela leitura. Com essa experiência, surgiu o interesse por pesquisas que analisam a leitura como ferramenta de prazer, desde a educação infantil.

A partir dessa experiência, também foi possível refletir o quanto os professores não leem o suficiente e, portanto, não incentivam os alunos a desenvolver hábitos de leitura. Se não gostamos de ler como podemos incentivar os outros a ler?

A própria história da leitura nos diz que esse é um problema antigo, pois, inicialmente, a leitura era apenas para a elite. Ao passar dos anos, a outros pouco favorecidos e o público em geral passou a ter esse tipo de acesso.

Até então, era quase natural conceber a leitura como comportamento restrito a pequenas parcelas da população pertencentes às elites. Enquanto comportamento geral, das massas, o fenômeno é novo no Brasil, estando talvez ainda no que poderíamos chamar de “fase heróica”. Em outras palavras, lutamos com níveis prévios, como alfabetização da imensa massa de brasileiros que não conseguiram e não consegue ir à escola, lutamos com uma infra-estrutura educacional e cultural extremamente precária, lutamos com hábitos e atitudes arraigadas na cultura e que não são vencidos com facilidade (PERROTI (1990, p. 13).

A leitura se caracterizou pela alfabetização ao longo da história da escola, muitas vezes tornou-se o ato de aprender a ler decifrando o código da escrita. Portanto, é necessário o estímulo em torno da leitura, ou seja, mudar essa percepção da leitura para compreender a escrita, desenvolvendo formas de evocar o gosto por ela.

Em todas as sociedades letradas, aprender a ler tem algo de iniciação de passagem ritualizada para fora de um estado de dependência e comunicação rudimentar. A criança, aprendendo a ler, é admitida na memória comunal por meio de livros, familiarizando-se com um

passado comum que ela renova, em maior ou menor grau, a cada leitura (MANGUEL, 1997, p. 89).

O estímulo à leitura deve começar pelo hábito de ler em casa, ler algo todos os dias, pois é um processo que torna a leitura fácil e natural. Mas a realidade é diferente, os membros da família muitas vezes não estão envolvidos na educação da leitura.

Sabemos que o ato de ler deve ser um prazer, na busca do conhecimento intelectual, moral e social.

Assim, este estudo visa ajudar a reconhecer as dimensões da leitura, melhorar a prática educativa e, por outro lado, as reflexões dos próprios professores sobre o comportamento leitor. Este estudo destaca o pensamento de Paulo Freire sobre a importância do comportamento de leitura e tem como objetivo refletir sobre a prática de ensinar sobre o comportamento de leitura de forma prazerosa. É preciso pensar como podemos formar bons leitores que estimulem o uso da imaginação, a criatividade, aguçando todos os sentidos, buscando o conhecimento e a leitura do mundo.

Me parece indispensável, ao procurar falar de tal importância, dizer algo do processo em que me inseri enquanto ia escrevendo este texto que agora leio, processo que envolvia uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo (FREIRE, 2001, p. 11).

Vemos que nossa realidade social ainda é marcada por um alto percentual de adultos que não leem, alienados do meio social em que vivem (PERROTI, 1990, p. 13).

Portanto, acreditamos que os professores devem incentivar a prática educativa da leitura desde a educação infantil, pois desta forma, proporcionarão

às crianças o estímulo da leitura divertida. Assim, ao ingressarem na primeira série do ensino fundamental, já têm o impulso para desenvolver bons leitores, o que será um fator decisivo para o sucesso da leitura na vida adulta.

Portanto, Terzi (1995, p. 14) diz que alguns pesquisadores, como Durkin, Beck, Mckee, Brzeinski e Harrison, têm investigado o impacto da aprendizagem da leitura precoce no desempenho escolar.

Segundo eles, o domínio da leitura antes de a criança iniciar a primeira série é um fator determinante de seu bom desenvolvimento como leitora. Ou seja, o fato de a criança estar inserida numa cultura letrada tem uma influência positiva significativa em seu progresso em leituras nas primeiras séries escolares.

Os educadores de educação infantil devem estar preparados para uma prática de leitura diária que prepare as crianças para o desenvolvimento do letramento para que a sua prática educativa seja mais do que uma arte de contar histórias. É preciso considerar a leitura como um todo, atribuível a uma prática de aprendizagem que também leva em conta todo o ambiente do aluno.

Para Soares apud Brito (1998, p. 12) para ser letrado “não basta apenas saber ler e escrever é preciso também saber fazer uso do ler e escrever, saber responder às exigências de leitura e escrita que a sociedade faz continuamente”.

O grande desafio da educação infantil está exatamente em, em vez de se preocupar em ensinar as letras, numa perspectiva redutora de alfabetização (ou de letramento), construir as bases para que as crianças possam participar criticamente da cultura escrita, conviver com essa organização do discurso escrito e experimentar de diferentes formas os modos de pensar escrito (BRITO, 2005, p. 16).

Assim como a escrita, a leitura exige exercício constante. Somos um produto de nossas interações e experiências com o meio ambiente em nosso meio social.

Com base nessa hipótese, a leitura é um processo de prática desde a primeira infância, que deve estar presente desde o início da vida escolar, o primeiro contato construído por métodos prazerosos, associados ao seu desenvolvimento natural.

No que diz respeito a esta pesquisa, o primeiro capítulo traz uma breve revisão histórica dos conceitos de infância e brincadeira, levando a uma melhor compreensão do mundo infantil, reconhecendo que a criança é um sujeito histórico e participante ativo da mudança social. Com base neste pressuposto, os professores têm a responsabilidade de refletir sobre uma prática educativa que respeite a bagagem cultural das crianças. E essa prática de planejar e desenvolver em torno da diversão pode tornar a educação infantil um espaço mais humano e feliz.

Dessa forma, o livro aponta a leitura como um importante recurso, enriquecendo experiências que podem ser vividas de formas interessantes, utilizando elementos como fantasia e mundos de faz-de-conta.

O capítulo 1 trata da infância e do lúdico, o capítulo 2 discute a importância da alfabetização para a leitura, pois é preciso que os professores valorizem as possibilidades de alfabetização oferecidas pelas famílias e aproveitem isso, pois cada criança traz experiências de vida diferentes de uma para outra. Portanto, acreditamos que é impossível falar de leitura sem considerar o potencial de letramento de cada criança, o que significa organizar o trabalho de acordo com as faixas etárias e a seleção adequada de livros.

No capítulo 3, destacamos que a literatura é um importante recurso de incentivo à leitura prazerosa, por sua natureza ficcional e riqueza de livros em que existe um mundo de fantasia, que estimula a imaginação e desperta o mundo

de faz-de-conta das crianças. Além dessas características, temos também o trabalho dos professores como mediadores desse incentivo. Além de proporcionar diversão e entretenimento, a literatura amplia a compreensão de mundo da criança e, por sua vez, a leitura faz parte de sua realidade.

Os autores.

A INFÂNCIA E O LÚDICO



FIGURA 1. A ludicidade no processo de aprendizagem: uma análise sob a visão dos educadores infantis

Fonte: <https://repositorio.ufpb.br>

A infância deveria ser a melhor época da nossa vida, podemos brincar livremente, pular corda, amarelinha, esconde-esconde, peteca, bolinha de gude e outras brincadeiras, mas quando pensamos na infância, ela é um momento da nossa vida que passa, não volta nunca mais e deixa muita nostalgia.

É possível dizer que os adultos que tiveram uma infância marcada pela vivência em grupos de brincadeiras e forte sentimento de coletividade, e que a qualificam como positiva, tendem a tentar reproduzir no presente aquilo que entendem como positivo para oferecer às gerações mais novas com as quais convivem, mediante sua prática como educadores, pais e mães, e no oferecimento de condições de experiências semelhantes (na medida do possível), orientados pela imagem que fazem da criança e da infância (FERNANDES apud BATISTA, 2009, p. 42).

Por outro lado, analisamos a infância como uma etapa do desenvolvimento humano por meio da qual construímos parte do nosso

conhecimento do mundo que nos cerca. Como relata Silva (2008, p. 41): “quando nos referimos a infância, somos levados a pensá-la em sua relação cronológica, como uma etapa do desenvolvimento do ser humano, ou ainda, como uma viagem ao interior de nós mesmos, onde encontramos lembranças de um tempo que se foi e não volta mais”.

Assim, desde o nascimento, as crianças acumulam seus próprios conhecimentos por meio de experiências com os outros e com o meio ambiente. Essa construção marca a etapa de sua vida, configurada como sua infância, que por sua vez será diferente das demais, bem como o conceito de infância de seu tempo.

Assim como afirma Martins Filho (2005, p. 1): “podemos inferir que a variedade de vivências e contextos socioculturais das crianças permitem-nos falar não numa infância, mas em infâncias, que são múltiplas e plurais nas suas mais diversas formas de manifestações e produções culturais”.

Por outro lado, como adulto, educador, deve ser primordial estar ativamente envolvido nesse processo de desenvolvimento, e ser apaixonado e fascinado, pois de certa forma estamos integrando as crianças ao nosso mundo cultural.

Essa inserção acontece pela primeira vez quando eles são bebês, e só podemos nos comunicar de forma intuitiva, com compreensão e carinho. Eventualmente, a criança começa a andar, falar e tocar tudo ao seu redor, desenvolvendo assim uma compreensão abrangente das experiências de vida. Com base nessa premissa, podemos dizer que as crianças se tornam a alegria de nossa vida, e muitas vezes depositamos nelas nossas esperanças de um futuro

melhor. Mas não devemos esquecer que são crianças, e cabe aos pais, adultos e professores permitir a elas o direito de serem crianças e serem felizes.

Enfim, seria interessante ressaltar que todas as infâncias são momentos lindos e maravilhosos, únicos e extraordinários em nossas vidas. Mas nem todas as infâncias são assim, e quando nos perguntam qual é o nosso conceito de infância, logo vemos um vilão, vulnerável, inocente, natural, livre do mal e sem as preocupações de um adulto. Talvez seja uma forma de tentarmos defini-lo, acabamos esquecendo que nem todas as infâncias são como essa análise, devemos sempre levar em conta que temos vários conceitos de criança e infância hoje. Todavia devemos sempre considerar o meio social e cultural ao qual esta criança está inserida, ou seja, “a criança é um sujeito histórico. A idéia de infância é forjada nos diferentes contextos sociais, econômicos, políticos, culturais, que por sua vez, mudam através dos tempos e dos lugares” (DIDONET, 2002, p. 92).

Assim, diante de um estudo voltado para a valorização do prazer pela leitura desde a educação infantil, sentimos a necessidade de compreender melhor o mundo dessa criança. Mas como uma criança é definida em uma sociedade que está constantemente passando por mudanças sócio-culturais-econômicas-políticas?

Conforme Fortuna (2005, p. 10): “corre-se um grande risco ao tentar definir o que é uma criança de forma conclusiva, uma vez que, enquanto o fazemos, a infância já mudou!” Assim entendemos que não se pode admitir na sociedade atual um modelo de criança fechado e acabado. E sim, refletir sobre essa criança na atualidade para que desta forma, se torne possível trazer para a

prática educativa, subsídios teóricos que auxiliem na forma de como os professores irão trabalhar com o seu sujeito presente, real em sala de aula.

Ao considerar e compreender os vários contextos ao qual a criança está inserida podemos obter informações sobre as várias concepções de infância, e a diversidade cultural destas.

A necessidade de compreender as crianças exige caracterizá-la concreta e historicamente. Para isso, é preciso desvendar as relações entre os condicionamentos sociais, políticos, econômicos e culturais, das quais emerge o conceito de criança. A idéia de que existe uma criança única, abstrata, desvinculada da realidade e da dinâmica da sociedade não pode ser sustentada (BATISTA, 2009, p. 20).

Portanto, entendemos que um modelo fechado e completo da criança é inaceitável na sociedade atual. Mas sim refletir sobre essa criança hoje, para que seja possível trazer subsídios teóricos para a prática educativa, que ajude os professores a lidar com seus atuais assuntos reais em sala de aula. Ao considerar e compreender os diversos ambientes em que as crianças se encontram, podemos obter informações sobre vários conceitos de infância e sua diversidade cultural.

Assim, quando vemos a criança como um sujeito histórico, com uma bagagem cultural plena, a prática educativa deve visar uma visão diferenciada que idealizamos a criança como um ser inocente sem conhecimento, “como se fosse uma folha em branco”, “uma tabua rasa” que aos poucos vai se escrevendo sua história (BATISTA, 2009, p. 27).

Como professores de educação infantil, precisamos reconhecer a necessidade de ampliar nosso conhecimento sobre as percepções das crianças para que possamos compreender melhor o desenvolvimento infantil. Deixando

de lado nossos equívocos e generalistas sobre crianças. Assim como relata Didonet (2002, p. 92) devemos “deixar de lado idéias de “neutralidade”, “objetividade” e “ingenuidade” diante dos temas da criança e da sua educação”.

Desta forma, nós educadores devemos levar em conta que as crianças são parte integrante da história humana e suas mudanças e acontecimentos sociais, culturais e políticos que afetam a sociedade e, portanto, as crianças são parte integrante dessa realidade em mudança. Deve abrir espaço para essa criança sem noções preconceituosas e ultrapassadas de infância, pois professores e adultos em geral exercem uma grande influência em suas vidas e é por meio dessa influência que se constrói a identidade. Sabemos que a família é o primeiro fator de influência na vida das crianças, e o surgimento de vínculos afetivos muitas vezes desempenha um papel decisivo no seu desenvolvimento social e na formação da personalidade. Depois de casa, ele veio para a escola com uma contribuição para o desenvolvimento da criança.

Assim, quando analisamos a criança como sujeito ativo em seu processo histórico, percebemos a influência da família, dos adultos e das instituições de educação infantil sobre ela. Essas experiências resultantes dessa interação trazem uma contribuição muito importante para o desenvolvimento da criança.

O importante é que ao mesmo objetivo central seja buscado por todas as políticas e por todas as propostas pedagógicas - o desenvolvimento integral integrado da criança, na perspectiva do direito à educação desde o nascimento. Integral por envolver os aspectos físico, social, emocional e cognitivo. Integrado como parte do contexto de interações sociais e ambientais da criança, por intermédio da mediação dos adultos, entre eles o educador, e das outras crianças, constrói sua identidade, seus conhecimentos, seu comportamento, sua integração social (DIDONET, 2002, p. 96).

É essa interação que nos permite ver a criança como um agente social, parte integrante do ambiente em que é educada. A educação infantil é, portanto, importante na vida de uma criança, mas acreditamos que a articulação entre casa e escola é necessária para exercer o bem-estar da criança, proporcionar condições de desenvolvimento e facilitar o processo educativo.

Como sujeito social, a criança é parte intrínseca de uma família, membro da comunidade, inserida, numa sociedade. Seu desenvolvimento, bem como sua educação, acontece na família, no seu ambiente socioeconômico, cultural e político e no centro pré-escolar e não “aspticamente” em um deles, segundo objetivos individualistas e idealistas. Família e centro pré-escolar, portanto, devem estar bem articulados, tentando uma educação coerente. Objetivos comuns e estratégias complementares facilitam o processo educativo e não traumatizam a criança (DIDONET, 2002, p. 92).

Essa integração entre escola e casa pode ser uma forma de os professores trabalharem com os pais para valorizar o estímulo à leitura, processo que se inicia em casa. Dessa forma, os professores podem continuar lendo na escola, pois o ato pode ser um recurso para a autonomia e cidadania das crianças. Portanto, acreditar que nossos filhos terão um futuro melhor é valorizar a todos, o ambiente em que vivem e a cultura em que vivem.

Portanto, a educação também deve se voltar para utilizar os conhecimentos prévios dos alunos como uma primeira leitura de sua realidade.

A partir desse conhecimento, acreditamos que será desenvolvido um conjunto completo de trabalhos sistemáticos, utilizando a teoria do desenvolvimento infantil para melhor compreender como ele realmente se parece, conforme relata Friedman (2005, p. 11):

É importante contextualizar a criança à qual estou referindo-me, pois é este dado diferencial e fundamental para o meu trabalho. Junto às contribuições das teorias sobre desenvolvimento infantil,

que partem de uma criança idealizada, para realizar suas afirmações, podemos ter um panorama mais próximo da criança real com a qual nós convivemos.

A consciência dessa realidade permite aos professores apreender um caminho percorrido pela história da infância, refletir sobre as crianças de hoje, não tratar cada teoria como um saber fechado e único, mas partir da formação de professores e professoras. Os alunos crescem juntos em seu aprendizado, tornando-o significativo e respeitando a individualidade de cada criança.

Cada criança tem seu momento e seu ritmo próprio. Embora o desenvolvimento psicológico siga as mesmas fases ou etapas, o tempo de cada uma pode variar de criança para criança. Em consequência, as motivações também. Daí a flexibilidade inerente à forma de conduzir as atividades no grupo de crianças (DIDONET, 2002, p. 94).

Dessa forma, buscar compreender o universo de uma criança significa levar em consideração sua bagagem cultural e as informações, conhecimentos e experiências que cada criança traz. Precisamos compreender todos os aspectos do desenvolvimento e aprendizagem das crianças, o verdadeiro papel da educação infantil na vida de nossos alunos e a contribuição das práticas educativas lúdicas para seu desenvolvimento intelectual, social, moral e cognitivo. Essa prática deve ser planejada e desenvolvida para que as crianças possam interagir em um espaço mais humano e feliz.

Nesse contexto, é necessário promover a importante ação de tratar a criança como cidadã, sempre considerando sua situação como sujeito ativo no processo de aprendizagem, e valorizando sua cidadania, ou seja, olhar a criança sob uma nova luz como foi proposto pelo ECA por Leite Filho em 1990 (2001, p. 31-32).

O ECA, ao regulamentar o art. 227 da Constituição Federal, insere as crianças no mundo dos direitos, mais especificamente no mundo dos Direitos humanos, reconhecendo-as como pessoas em condições peculiares de desenvolvimento, não as considerando como adultos e garantindo-lhes os seus direitos, assegurados em lei especial. Essa lei contribui com a construção de uma nova forma de olhar a criança – a visão de criança como cidadã. Pelo ECA, a criança é considerada como sujeito de direito. Direito ao afeto, direito de brincar, direito de querer, direito de não querer, direito de conhecer, direito de sonhar e de opinar.

Nessa relação com as crianças, é preciso considerar um aprendizado importante, incluindo o respeito à sua cidadania. Dessa forma, a construção do conhecimento pela criança tende a ser um aprendizado interessante por meio da mediação do professor, e por meio da mediação do professor, o professor poderá adentrar o mundo da criança com mais facilidade. Como resultado, as crianças poderão aprender brincando, se divertindo, lendo histórias infantis e outros recursos que os educadores são responsáveis por criar.

Mas o maior desafio é fazer da educação infantil um espaço para adquirir conceitos básicos de desenvolvimento social, emocional, físico, cognitivo. Para tanto, as atividades lúdicas devem ser valorizadas no ambiente da sala de aula como um recurso para proporcionar às crianças uma condição de aprendizagem estimulante e prazerosa por meio da brincadeira proposta. Enquanto brinca, a criança pode replicar e recriar, arrumando o mundo ao seu redor e oferecendo-lhe as mais diferentes descobertas.

Essas experiências também podem ser alcançadas por meio da leitura, trazendo-a para o mundo da fantasia, da criação, da ficção, no qual ela pode se expressar de forma natural e criativa e desenvolver um vínculo afetivo com a história. Portanto, como relata Batista (2007, p. 115-116), muitas vezes as crianças gostam de ouvir suas histórias favoritas várias vezes: “elas pedem para

ouvir, repetidas vezes, aquelas histórias nas quais encontram um maior vínculo como o momento afetivo pelo qual estão passando”.

A criança tem suas próprias ideias e, como professores, devemos saber ouvir, respeitar as opiniões e deixar que o aprendizado inicial seja a base do desenvolvimento de sua personalidade, por isso a escola que trabalha com a infância deve fazê-lo.

[...] garantir os alicerces essenciais para o desenvolvimento de uma aprendizagem inicial consistente. Para isto, é fundamental a prática de atividades que levem a criança a relacionar-se, ser e tornar-se, pensar, imaginar, compreender, movimentar-se e expressar-se, participando e contribuindo na construção do conhecimento. As crianças aprofundam a sua compreensão jogando, conversando, planejando, perguntando, experimentando, testando, repetindo e refletindo (MENDONÇA, 2007, p. 67).

O trabalho na educação infantil, portanto, precisa focar na ludicidade por meio de um processo dinâmico e contínuo em que o papel do professor é sentir as necessidades de cada aluno, sempre disponibilizando uma variedade de recursos para facilitar significativamente esse processo de aprendizagem. Pois o brincar desempenha um papel importante na construção da identidade da criança. Assim, enquanto brincam, eles têm um espaço consigo mesmos e com seu ambiente, onde recriam e interpretam o mundo em que vivem. E ainda “ao brincar, ainda, a criança está afirmando valores e sentimentos morais e éticos, percebendo o que é certo e o que é errado. Em outras palavras, está criando as bases de sua personalidade” (PASCHOAL; MELLO, 2007, p. 46).

Sob esse ponto de vista, acreditamos que a leitura como exercício de brincadeira, ou seja, com propósito lúdico, deve beneficiar o interesse do aluno e ao mesmo tempo ser prazeroso para ele.

O aspecto lúdico da narrativa assegura, não só a gratificação do receptor, mas também, faz-lhe um elogio intelectual, na medida em que suas previsões aproximam de soluções do como. Fica, assim, evidenciado que o prazer advindo do jogo ficcional ultrapassa as fronteiras da simples gratificação competitiva, ao mostrar que as estruturas organizadas em narrativa são construtoras de sentido (BATISTA, 2007, p. 107).

Quando contamos histórias aos alunos, mesmo que inconscientemente, eles encenam o que vivenciaram a partir da leitura. E essas vivências são muitas vezes presenciadas em suas brincadeiras, formando conceitos que serão utilizados em sua vida adulta, pois é por meio do brincar e da leitura que as crianças transcendem seus desejos e sentimentos, ao socializar e salvar sua cultura aprendem a respeitar o outro. Neste caso, ao contar uma bela história para uma criança, conseguimos emocioná-la tanto que ela se envolve tanto na história que usa a imaginação para se projetar nela.

Pelo processo de “viver” temporariamente os conflitos, as angústias e alegrias dos personagens de uma história, o receptor pode multiplicar as suas próprias alternativas de experiência do mundo. O personagem pode, então, emprestar ao receptor sua grandeza e seus limites, vislumbrando outras formas de viver e ver o mundo (BATISTA, 2007, p. 107).

As narrativas proporcionam diversão ao seduzir, usar o som e envolver a criança na dinâmica da história do início ao fim. Portanto, a aprendizagem da leitura deve ser enriquecedora, na qual as crianças possam se tornar sujeitos ativos e criativos de sua aprendizagem, tornando-se os principais facilitadores dessa construção. Na educação infantil, portanto, é responsabilidade de todos os envolvidos proporcionar práticas educativas comprometidas com o brincar.

A ludicidade é uma característica essencial da criança. Tudo para ela é um jogo. O brinquedo é sua forma própria de relacionar-se com o mundo. Pelo brinquedo ela mergulha no significado dos objetos e das situações, apreende-os, incorpora-os ao seu conhecimento e a

seu mundo. Brincar é a coisa mais séria, mais absorvente de uma criança. É brincando que ela se desenvolve física e psicologicamente. Todas as atividades educativas em instituições devem ter um caráter lúdico (DIDONET, 2002, p. 94).

Portanto, engajar-se na educação infantil e entrar nesse mundo maravilhoso e cheio de diversão é participar do imaginário infantil e dar sentido a esse imaginário. Porque o lúdico não é algo inato, mas a interação com os outros, dessa forma aproxima professores e alunos, o que por sua vez faz do brincar um aprendizado para toda a vida. E ainda dizer Paschoal (2007, p. 95).

Na organização do conhecimento empírico da criança, devemos considerar as situações de aprendizagem que são geradas na sala de aula, nas brincadeiras, nas conversas, na hora do conto, entre outros. É, nestes momentos, que ela começa a entender melhor o seu viver e expõe sua maneira infantil de ler/ver o mundo.

É necessário proporcionar espaço para brincadeiras em sala de aula para que as crianças possam aprender a resolver os conflitos que surgem.

Na medida em que nos convencemos de que o brincar é a atividade da qual a criança mais conhece o mundo físico e mais é levada a organizar e a reorganizar seus processos de pensamento, ao mesmo tempo em que conquista as mudanças qualitativas mais significativas de sua personalidade, passamos a buscar as condições para garantir que este espaço privilegiado em nossa atividade docente na escola da infância (PASCHOAL; MELLO, 2007, p. 49).

Nesse contexto, brincar nos faz felizes e estimula nossos melhores sentimentos, por outro lado, brincar também ajuda as crianças a formar uma boa concepção do mundo ao seu redor. Um mundo onde o brincar desenvolve autonomia e criatividade, vendo a sala de aula como um espaço para esses comportamentos lúdicos, onde o professor perceberá o que cada criança traz, reconhecerá como sujeito de direitos e desenvolverá suas habilidades.

Além disso, os educadores podem orientar os alunos a refletir sobre suas realidades sociais e culturais por meio do brincar, oportunizando a interação com o outro, a construção de uma troca de experiências para sua socialização e o respeito às diferenças. Por sua vez, haverá um melhor direcionamento para práticas pedagógicas que sempre respeitem o direito das crianças a uma educação de qualidade e os adultos serão os mediadores dessa aprendizagem porque:

A criança não é um futuro homem, uma futura mulher ou um futuro cidadão. Ela é uma pessoa titular de direitos, com uma maneira própria de pensar e de ver o mundo. A escola deve propor, desde a educação infantil, as experiências sobre as quais será possível fundamentar seus saberes, seus conhecimentos e suas habilidades (TONUCCI, 2005, p. 15).

A brincadeira precisa ser considerada um negócio sério, por isso acreditamos que é papel das escolas garantir espaço para as atividades lúdicas, e dos professores fazer sua ação prática educativa, onde a brincadeira transforma a sala de aula.

Como dizem Paschoal e Mello (2007, p. 51): O desafio é permitir que as crianças brinquem livremente em um espaço que inspire experiências ricas e variadas e aprendam a ver nesta atividade os objetivos que anunciamos para todos os nossos objetivos na prática. Se aprendermos a ver todas as suas possibilidades no brincar, nosso trabalho será mais agradável para nós, educadores, e mais importante para nossas crianças, tanto agora quanto no futuro. Com uma proposta educacional que foca na brincadeira, devemos tornar o ato de ler divertido, ou seja, utilizar os livros como recurso que pode conter essa ludicidade.

Nesse contexto, os livros tornaram-se um meio para as crianças brincarem e enriquecerem sua imaginação, desenvolverem sua criatividade e realizarem diversas formas de interação e comunicação, ou seja, podemos enriquecer o cotidiano das crianças nas instituições de educação infantil. Entendemos que a leitura deve ser o objetivo primordial do prazer de ler, mas também acreditamos que esta é uma oportunidade para que essas crianças construam suas identidades sociais e culturais e valorizem sua cidadania por meio de um olhar crítico para suas realidades sociais. Por sua vez, os professores devem levar o simples ato de ler para seus alunos como uma iniciativa para promover a construção de leitores que valorizem os hábitos de leitura na sociedade atual. Essas ações, iniciadas na primeira infância, podem despertar desde cedo o interesse da criança pelo modo como se comporta e como está no mundo, compreendendo e interpretando a si mesmo e sua realidade.

DO LETRAMENTO À AQUISIÇÃO DA LEITURA



FIGURA 2. Alfabetização e letramento: concepções, dimensões e uma reflexão sobre o ensino de língua materna e sua prática pedagógica em sala de aula

Fonte: <https://www.construirnoticias.com.br>

Acreditamos que na infância, valorizar as atividades lúdicas dentro e fora do ambiente escolar é essencial para o desenvolvimento e conhecimento da criança.

Sabemos que começar a ler nesta fase é crucial para o prazer da leitura, pois, segundo Coelho (1986, p. 17), as crianças passam por uma "fase mágica" onde sua imaginação se torna criativa. Nesse processo, o professor pode se tornar o mediador desse construto, tornando a aprendizagem da leitura da criança verdadeiramente prazerosa e significativa.

É na interação com o meio que se estabelece o início do desenvolvimento da criança. Desta forma, notamos que as crianças aprendem desde cedo a se comunicar através do choro que está com fome, dor, etc., que são os primeiros mecanismos utilizados para se comunicar e interagir com suas mães.

Muito cedo, os bebês emitem sons articulados que lhes dão prazer e que revelam seu esforço para comunicar-se com os outros. Os adultos ou crianças mais velhas interpretam essa linguagem peculiar, dando sentido á comunicação dos bebês. A construção da linguagem oral implica, portanto, na verbalização e na negociação de sentidos estabelecidos entre pessoas que buscam comunicar-se (RCNEI) (BRASIL, 1998, p. 125, v.3).

Esta é a leitura do mundo de uma criança nos primeiros dias de vida, aos poucos ela aprende a compreender o mundo ao seu redor, a expressar seus sentimentos e pensamentos nas diferentes situações exigidas no cotidiano.

Assim aprendemos que aprender a falar exige que a criança se comunique com os que a cercam, de forma informal, e essa necessidade introduz a criança no mundo da comunicação e se torna sua leitura do mundo.

Tais leituras de mundo não são tão formais quanto as estabelecidas nas instituições escolares, são leituras de sua formação social e cultural, construídas em suas interações com o mundo ao seu redor, e à medida que as crianças vão crescendo, vão buscando outras trocas, através da linguagem, dos gestos, das expressões.

A velha casa, seus quartos, seu corredor, seu sótão, seu terraço - o sítio das avencas de minha mãe, o quintal amplo em que se achava, tudo isso foi o meu primeiro mundo. Nele engatinhei, balbucie, me pus de pé, andei, falei. Na verdade, aquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras (FREIRE, 2001, p. 12).

Como Paulo Freire (2001) relata sobre a importância do ato de ler em seu livro, sua experiência, também construímos nossa experiência por meio de nossa interação com o mundo, nos baseamos nas relações construídas na interação social, por isso conhecemos o espaço onde nós estamos e vivemos.

Acreditamos que esta é uma leitura informal do mundo da criança, e acontece principalmente nas interações com os membros da família, mesmo através de histórias fictícias, mitos vivos.

O primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através da voz da mãe, do pai, ou dos avós, contando contos de fada, trechos da bíblia, histórias inventadas (tendo a criança ou os pais como personagens), livros atuais e curtinhos, poemas sonoros e outros mais... contados durante o dia- numa tarde de chuva, ou domingo- ou num momento de aconchego, à noite, antes de dormir, a criança se preparando para um sono gostoso e reparador, e para um sonho rico, embalado por uma voz (ABRAMOVICH, 1997, p. 16).

Não apenas as famílias serão responsáveis pelo conhecimento da leitura, mas todos os seus contatos sociais afetarão a leitura. No entanto, é a família que constrói relações muito fortes na vivência de todos, seja por impactos bons ou ruins.

Neste caso, através deste contato com a família, a criança pode descobrir uma leitura holística das imagens envolventes. Tudo ao seu redor subsidia suas informações, ou seja, as crianças passam a perceber o mundo por meio de informações escritas em anúncios, outdoors, rótulos, e passam a fazer parte de sua compreensão do mundo literário.

Pesquisas na área da linguagem tendem a reconhecer que o processo de letramento está associado tanto à construção do discurso oral como discurso escrito. Principalmente nos meios urbanos, a grande parte das crianças, desde pequenas, estão em contato com a linguagem escrita por meio de seus diferentes portadores de texto,

como livros, jornais, embalagens, cartazes, placas de ônibus etc., iniciando-se no conhecimento desses materiais gráficos antes mesmo de ingressarem na instituição educativa, não esperando a permissão dos adultos para começarem a pensar sobre a escrita e seus usos (RCNEI, BRASIL, 1998, p. 121, v.3).

No que se refere à leitura, percebemos que, no contexto da educação infantil, ela está intimamente relacionada à construção do conceito de escrita, conforme aponta o RCNEI (BRASIL, 1998, p. 122, v.3). Assim para “aprender a ler e a escrever, a criança precisa construir um conhecimento de natureza conceitual: precisa compreender não só o que a escrita representa, mas também de que forma ela representa graficamente a linguagem”.

Como resultado, o conhecimento sobre o mundo da leitura cresce gradativamente na prática cotidiana, não com a intenção de introduzir as crianças no mundo da leitura, mas sim como uma forma de introduzir as crianças no mundo da escrita.

Dessa forma, as crianças adquirem conceitos de leitura que darão sentido à escrita e criam formas de utilizar essa aprendizagem na comunicação com o meio social em que vivem.

Assim, quando cada criança vai à escola, já traz conhecimentos que variam de criança para criança a partir das possibilidades de letramento oferecidas pela família, pela comunidade e pelo meio social em que vivem.

O professor pode utilizar esse conhecimento à medida que o sistematizar para dar sentido a essa leitura do mundo de forma crítica e prazerosa para que possa ajudar a formar um bom leitor. A educação infantil tem papel importante e fundamental nessa formação.

Portanto, ao ingressar nas instituições de educação infantil, a leitura deve fazer parte do aprendizado dos alunos, principalmente para estimular a criticidade e a autonomia dos alunos. Por sua vez, os professores precisam utilizar uma variedade de recursos e métodos para dar sentido à leitura, contribuindo assim para a construção de bons leitores.

A função da escola é introduzir a criança no mundo da escrita, tornando-a um cidadão funcionalmente letrado, isto é, um sujeito capaz de fazer uso da linguagem escrita para sua necessidade individual de crescer cognitivamente e para atender as várias, demandas de uma sociedade que prestigia esse tipo de linguagem como instrumentos de comunicação (KATO apud BRITO, 2005, p. 7).

Portanto, ao ingressar nas instituições de educação infantil, a leitura deve fazer parte do aprendizado dos alunos, principalmente para estimular a criticidade e a autonomia dos alunos. Por sua vez, os professores precisam utilizar uma variedade de recursos e métodos para dar sentido à leitura, contribuindo assim para a construção de bons leitores.

Vale ressaltar que, se a leitura for estimulada na educação infantil, pode ajudar a melhorar o processo de alfabetização da criança, desde que os professores sejam capazes de realizar a tarefa.

O ato da leitura é um ato cultural e social. Quando o professor faz uma seleção prévia da história que irá contar para as crianças, independente da idade delas, dando atenção para a inteligibilidade e riqueza do texto, para a nitidez e beleza das ilustrações, ele permite às crianças construírem um sentimento de curiosidade pelo livro (ou revista, gibi, etc.) e pela escrita. A importância dos livros e demais portadores de textos é incorporada pelas crianças, também, quando o professor organiza o ambiente de tal forma que haja um local especial para livros, gibis, revistas etc. que seja aconchegante e no qual as crianças possam manipulá-los e “lê-los” seja em momentos organizados ou espontaneamente (RCNEI - BRASIL, 1998, p. 135, v. 3).

Portanto, observamos que a leitura tem o poder de afetar todas as crianças de todas as idades, portanto, a nosso ver, motivar a leitura é uma das formas de se ter o prazer de ler.

Sabemos que as histórias infantis ajudam a desenvolver um conjunto de fatores fundamentais no crescimento das crianças como agentes sociais. Ao construir uma consciência autônoma da importância da leitura como sujeito, ele poderá analisar a sociedade para participar ativamente dela, ver a realidade em que vive com um ponto de vista crítico, ajudando a compreender a si mesmo e a mundo.

Mas e aqueles que não sabem ler, ou melhor, não aprenderam a ler? Além do aumento do analfabetismo, percebe-se que esses adultos estão alienados diante dos problemas sociais.

Assim, na sociedade capitalista como afirma Pinto (2000, p. 91) “o analfabetismo é uma realidade sociológica”, e muitos desses adultos são responsáveis por decisões importantes na sociedade. Dessa forma, acreditamos que a leitura que se inicia na educação infantil é importante para a aquisição de um sujeito crítico com autonomia, e que saiba utilizá-la para compreender as questões sociais.

Muitas vezes, quando damos às crianças o acesso aos livros, também estamos incentivando sua capacidade de ser crítico diante de suas realidades sociais, de ver o mundo político ao seu redor, mesmo que indiretamente, e orientá-los a continuar fazendo seu próprio futuro, se auto educando frente aos problemas sociais.

Mas a leitura deve ser uma coisa prazerosa que desperte o interesse de um indivíduo pela leitura e se envolva no prazer de ler.

É também suscitar o imaginário, é ter curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras idéias para solucionar questões (como as personagens fizeram...) É uma possibilidade de descobrir um mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos - dum?Jeito ou de outro - através de problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não) pela personagens de cada história (cada um a seu modo)... É a cada vez ir se identificando com outra personagem (cada qual no momento que corresponde àquele que está sendo vivido pela criança)... e, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas [...] (ABRAMOVICH, 1997, p. 17).

Sabemos que a leitura é um ato que exige preparação prévia do texto a ser lido. É criar, reinventar a tecnologia para atingir o seu ápice, fazer da hora da leitura o momento mais esperado do dia, e permitir que a “hora da leitura” seja entregue a todos de forma alegre. Para isso, é preciso aguçar a imaginação e preparar o seu público. Isso é para provar que a leitura nos faz entender um mundo com o qual também podemos sonhar.

Para contar uma história - seja qual for - é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com música e com a sonoridade das frases, dos nomes... Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção... Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras... Contar histórias é uma arte... e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declamação ou teatro... Ela é o uso simples harmônico da voz (ABRAMOVICH, 1997, p. 18).

Nesse contexto, devemos demonstrar domínio e conhecimento da história, criar uma atmosfera que envolva o leitor antes, durante e no final da história, proporcionando condições e espaço para a leitura. Dessa forma, o professor precisa gostar da história ao invés de improvisar, pois somente assim a história pode ganhar mais naturalidade, mostrar intimidade com a história e atualizar as expectativas da criança para a próxima cena a cada momento.

Portanto, preparar o ambiente de leitura é fundamental para o sucesso do estímulo de leitura. Acreditamos que o cantinho da leitura contribui muito para estabelecer essa aptidão para a boa leitura.

Percebe-se que em muitas escolas seus professores não estão preparados para essa tarefa. Como alguns professores não gostam de ler, eles transformam a leitura em algo que não é divertido, mas obrigatório. Alguns deles desencorajam os alunos, em vez disso, tornam a leitura um pesadelo para qualquer criança.

As consequências futuras dessas crianças podem ser a falta de entusiasmo pela leitura, dificuldades de aprendizagem, fragmentação da sala de aula e serem crianças com dificuldade de interpretar e entender o que estão lendo. Essas consequências podem começar na educação infantil e continuar até os primeiros estágios do Ensino Fundamental.

Para os pré-escolares, as histórias devem ter enredos simples, vivo e atraente, contendo situações que se aproximem o mais possível da vida da criança, de sua vivência afetiva e doméstica, de seu meio social, de brinquedos e animais que a rodeiam, humanizados. Assim, ela pode integrar-se com os personagens, consegue “viver” os enredos e sentir-se no “lugar” em que os episódios narrados ocorrem (COELHO, 1986, p. 16).

Essa afirmação de Coelho contraria os fatos observados em sala de aula. Um aluno com pouca experiência, em um ambiente analfabeto, cujos pais são também analfabetos, chega à escola com extrema dificuldade de comunicação, incapaz de se expressar, e muitas vezes torna-se indisciplinado e irrestrito. Por meio de uma análise de seu nível de alfabetização e de algumas observações, encontramos uma forma de engajar essa criança com uma leitura adequada à sua

realidade e idade, intrigando-a. Na hora de escolher livros relevantes para seu ambiente social, os resultados foram surpreendentes.

Por isso, também é necessário que os professores estejam preparados para compreender a alfabetização das crianças e estimular a construção da leitura de diferentes formas, desde a educação infantil.

A confiança mútua pressupõe o respeito mútuo: respeito do professor para com o aluno como ser humano, o conhecimento que traz consigo, sua maneira de aprender, seu ritmo de aprendizagem; respeito do aluno para com o professor como aquele que sabe mais e que, como tal, está em condições de orientar o processo de ensino-aprendizagem (COELHO, 1986, p. 16).

Partindo do pressuposto de que na educação infantil a criança não sabe ler formalmente, ela não fará a leitura devidamente reconhecida no mundo literário, ou seja, não lerá o texto em si, portanto, reconhecemos a importância da leitura, a imagem da criança, ou seja, a alfabetização proporcionada pelo seu meio social. O professor, que conhece seus alunos, pode utilizar os conhecimentos prévios das crianças para sistematizar. A leitura é um dos mecanismos que os professores utilizam para chegar aos alunos. Os professores lendo para os alunos vão estimular diversos sentimentos, curiosidades e orientar as crianças a descobrirem outro mundo, o mundo dos contos de fadas, por exemplo, formulando hipóteses, resolvendo problemas e temas importantes do desenvolvimento nesta fase.

Dessa forma, o contato com o livro pode ser utilizado em sua metodologia, como um recurso que não aborrece o aluno com o assunto, ou seja, a alegria de ler com a criança sem conhecê-la.

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política,

sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... Porque, se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser Didática, que é outro departamento (não tão preocupado em abrir as portas da compreensão do mundo) (COELHO, 1986, p. 16).

A escolha de um bom livro permite que um educador agrade seus alunos, por isso é interessante que o professor conheça seus alunos de diversas formas, destacando as habilidades de letramento que auxiliam muito no desenvolvimento de seus planos de aula. Comece o mundo da alfabetização de seu aluno de uma forma agradável, escolhendo um material de leitura que encoraje as crianças a experimentá-lo como algo necessário para o seu conhecimento.

Quando uma criança encontra este livro pela primeira vez, o professor é essencial, que vai tornar a leitura divertida e estimular a imaginação do público.

A leitura pelo professor de textos escritos, em voz alta, em situações que permitem a atenção e a escuta das crianças, seja na sala, no parque debaixo de uma árvore, antes de dormir, numa atividade específica para tal fim etc., fornece às crianças um repertório rico em oralidade e em sua relação com a escrita (RCNEI - BRASIL, 1998, p. 135).

Os professores da primeira infância têm a responsabilidade de exibir uma variedade de livros para estimular o interesse das crianças e expandir suas habilidades comunicativas. Elas serão capazes de abrir suas mentes e aprender a apreciar a leitura de um bom livro.

Mas como os professores podem promover essa emoção da leitura?

O Marco Curricular Nacional da Educação Infantil (Brasil, 1998, p. 141, 3ª edição) afirma o seguinte, uma criança que ainda não sabe ler da forma tradicional pode fazê-lo ouvindo o professor, mesmo que ele não consegue decifrar cada palavra. Ouvir o texto é uma forma de leitura que permite à criança se colocar no papel de leitora sob a orientação do professor.

Ao ler com os ouvidos, a criança não apenas se experimenta na interação, na interlocução, no discurso escrito organizado, com suas modulações prosódicas próprias, como também aprende a voz escrita, aprende a sintaxe escrita e aprende as palavras escritas. Somente assim podemos considerar que a alfabetização (ou letramento) é uma condição fundamental da educação infantil (BRITO, 2005, p. 19).

A estimulação da leitura é fundamental, sendo a educação infantil a base para a formação de bons leitores, e quando o professor atua nessa perspectiva, promove o desenvolvimento de um trabalho inteiramente voltado para a leitura prazerosa, visando a autonomia da criança.

A construção da leitura envolve a compreensão de todo o processo de aprendizagem de uma criança e os determinantes do sucesso e do fracasso. É nesse contexto de compreensão da construção do leitor que as experiências de letramento das crianças influenciam seu desenvolvimento inicial da leitura, partindo do pressuposto de que a educação infantil desempenha um papel de facilitação e orientação das crianças para o mundo da leitura.

O aprendizado da leitura não dispensa, desde o início da alfabetização, os livros para crianças. O trabalho de automatização da decodificação deve ser concomitante com o da leitura de textos variados. Daí, na iniciação literária desde a pré-escola, a importância dos livros de imagem, com ou sem texto escrito, no trabalho com narrativas. Eles podem ser uma grande alavanca na aquisição da leitura, para além da simples decodificação (FARIA, 2004, p. 22).

No entanto, os professores devem fazer sua parte na educação infantil, começando pelo simples ato de ler uma história para os alunos, levando-os para o mundo da escrita, estimulando sua imaginação e despertando por meio da leitura prazerosa, e aproveitando cada momento de sua história sendo lida.

Por meio do professor, a criança estabelecerá a iniciação da leitura como forma de comunicação, pois é com o estímulo da leitura que a criança começa a compreender o processo de escrita como forma de comunicação com o mundo.

É de grande importância o acesso, por meio da leitura pelo professor, a diversos tipos de materiais escritos, uma vez que isso possibilita às crianças o contato com práticas culturais mediadas pela escrita. Comunicar práticas de leitura permite colocar as crianças no papel de “leitoras”, que podem relacionar a linguagem com os textos, os gêneros e os portadores sobre os quais eles se apresentam: livros, gibis, revistas, cartas, jornais etc (RCNEI - BRASIL, 1998, p. 141 v.3).

Dessa forma, o professor estimula o interesse dos alunos pela escrita a partir dos materiais de leitura criteriosamente selecionados e trabalhados, toma a escrita como premissa e compreende a aquisição da escrita, ou seja, o significado da escrita para o seu cotidiano, além de simplesmente decifrar os seus códigos.

Na instituição de educação infantil, as crianças podem aprender a escrever produzindo oralmente textos com destino escrito. Nessas situações o professor é o escriba. A criança aprende a escrever, fazendo-o da forma como sabe, escrevendo de próprio punho. Em ambos os casos, é necessário ter acesso à diversidade de textos escritos, testemunhar a utilização que se faz da escrita em diferentes circunstâncias, considerando as condições nas quais é produzida: para que, para quem, onde como (RCNEI (BRASIL, 1998, p. 145, v.3).

Nos primeiros anos, a escrita era muitas vezes confundida com o simples ato de decodificar o código. As crianças podem ler, mas não entendem o que estão escrevendo. Entendemos que a escrita, na educação infantil, não deve ter um caráter tão mecânico, deve-se permitir que as crianças construam de forma independente suas próprias possibilidades de escrita e expressem seus próprios

pressupostos sobre esse tema, portanto, a construção da leitura deve partir da educação tendo as crianças como mediadoras.

Dessa forma, o despertar para a escrita contribui para a autonomia da criança no meio social, permitindo que ela valorize o contato com diferentes tipos de textos.

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser um leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo [...] (ABRAMOVICH, 1997, p. 16).

O desafio da leitura divertida começa na educação infantil e é a busca pela participação plena no mundo da leitura entre a escola e o lar. Portanto, com a ação conjunta da escola e da família, a leitura pode aparecer na vida das crianças de forma simples e natural. Acreditamos que essa ação coletiva e conjunta pode mudar a realidade do alto percentual de brasileiros que não gostam de ler e tornar realidade o prazer de ler, ou seja, "gostar de ler" é prerrogativa de todos, e os professores responsabilidade de desenvolver bons leitores.

Dessa forma, na educação infantil, os professores devem ampliar suas habilidades por meio da leitura, voltando sua atenção para sua própria atuação como professores, desencadeando assim uma atitude reflexiva diante da realidade, a de ser "diferente" em uma sociedade capitalista. Visto que a desigualdade cresce a cada dia.

**LITERATURA INFANTIL: UM IMPORTANTE RECURSO
PEDAGÓGICO**



FIGURA 3. Leitura Infantil: Como incentivar a leitura nos primeiros anos
Fonte: <https://www.sagradoeducacao.com.br>

Acreditamos que brincar para as crianças pode ser divertido e uma forma de aprender sobre o mundo. É no contexto dessa construção de conhecimento que a fantasia e a ficção permitem que as crianças experimentem um mundo mágico no qual podem brincar, imitar, inventar, expressar sentimentos e interagir com os outros.

Por sua vez, a leitura tem essa característica, pois quando se é criança, as histórias infantis fascinam, estimulam a imaginação, despertam o “mundo

imaginário”, tudo o que existe no livro é possível, fadas, os seres inanimados, bruxas, monstros, e outros elementos em histórias infantis.

Esse aspecto é inteiramente importante para o desenvolvimento cognitivo, e é um processo que também é importante para o desenvolvimento como sujeito histórico, especialmente para a construção de sentido no mundo ao seu redor. Neste momento da infância, pensamos que esses elementos chamados de arte que existem na literatura são muito importantes, pois conforme Coelho (2000, p. 27) “a literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/ impossível realização [...]”. Além da diversão, a leitura permite que as crianças observem, reflitam, ouçam, sintam medo e alegria, construindo gradativamente a alegria da boa leitura, e sabemos que a literatura estimula essa construção.

Observamos que este livro possui esse “poder” carismático que, quando utilizado como ferramenta de entretenimento e brincadeira, a leitura pode se tornar um espaço para aprender a imaginação e remodelar a realidade.

Assim, ao ouvir a história, a criança pode vivenciar um mundo imaginário que viaja pela história, participando ativamente de cada cena como se fosse um dos personagens do livro. Dessa forma, a literatura tem essa potência devido ao seu caráter lúdico e ficcional, a riqueza dos textos constituindo um mundo de fantasia.

Visa principalmente despertar o prazer da leitura e o gosto pelo conhecimento, uma leitura que transcende a função de ensinar, uma leitura que

envolve os livros e as crianças. Torna essa interação importante e amplia seu conhecimento de todos os aspectos da produção literária e artística.

Supondo este processo um intercâmbio cognitivo entre o texto e o leitor, verifica-se que está implicado aí o fenômeno da leitura enquanto tal. Esta não representa a absorção de uma certa mensagem, mas antes uma convivência particular com o mundo criado através do imaginário. A obra de arte literária não se reduz a um determinado conteúdo reificado, mas depende da assimilação individual da realidade que recria Zilberman (1987, p. 24).

Dessa forma, acreditamos que a infância é o melhor momento para iniciar o processo estimulante da leitura, inspirando as crianças desde cedo a desenvolver o hábito da leitura feliz, seguindo o caminho das histórias infantis, principalmente os ricos detalhes dos textos literários, por assegurar a continuidade do interesse pela leitura para promover o entretenimento. Portanto, quanto mais precoce a exposição aos livros, melhor, pois esse fator auxilia no domínio da leitura durante a fase de aprendizagem da escrita.

Dessa forma, as crianças interagem com os livros, formando suas concepções de mundo por meio de contribuições literárias. Assim como relata Cunha (1991, p. 105): “se o homem se constitui a proporção de conceitos, a infância se caracteriza por ser o momento basilar e primordial dessa constituição e a literatura infantil um instrumento relevante dele”.

Mas segundo Faria (2004) em seu livro “Como usar a literatura infantil em sala”, são poucas as iniciativas sobre literatura infantil e faltam pesquisas pedagógicas sobre o uso da literatura infantil em sala de aula, que muitas vezes é utilizada como método puramente pedagógico, podendo ser um recurso valioso para despertar o prazer da leitura. Os poucos professores que se propõem a trabalhar com literatura infantil são desvalorizados. Essa falta de

atenção à literatura infantil existe mesmo nos cursos de formação de professores, e poucos encontrarão uma disciplina que desenvolva recursos instrucionais para o uso da literatura em sala de aula. Por outro lado, essa ausência tem raízes históricas e, ao longo da história, os professores precisam salvar a literatura infantil.

Esta postura, que considera a atividade menor o trabalho com a literatura para crianças e jovens em geral (pesquisa, análise, avaliação, usos na escola), tanto no que diz respeito à literariedade desses livros como à (des) importância de sua leitura na escola, tem origem em diferentes causas históricas (FARIA (2004, p. 11).

Nesse contexto, os livros infantis só surgiram no final do século, pois antes não havia a chamada infância, adultos e crianças eram considerados iguais (ZILBERMAN, 1987, p.13). Assim, segundo Zilberman (1987, p. 13) em seu livro “A literatura Infantil na escola”, somente com a “nova concepção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular, preocupado em manter a privacidade”, a criança e seu mundo são considerados diferentes dos adultos, por isso há literatura para crianças, e as escolas por sua vez aderem à literatura para trabalhar com pessoas dessa idade.

A partir daí, os aspectos do desenvolvimento intelectual das crianças passam a ser o foco dos adultos, e a manipulação de suas emoções.

A valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente os meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e a manipulação de suas emoções. Literatura infantil e escola, inventadas a primeira e reformada a segunda, são convocadas para cumprir essa missão (ZILBERMAN, 1987, p. 13).

Essa tarefa é atribuída à escola, a qual trouxe algumas divergências que distorcem e desvalorizam o trabalho com a literatura, como destaca Zilberman (1987, p. 13) “a aproximação entre a instituição e o gênero literário não é

fortuita. Sintoma disto é que os primeiros textos para crianças são escritos por pedagogos e professores, com marcante intuito educativo”. Nesse contexto, a literatura é utilizada para educar as crianças para fins de dominação, uma educação que propaga os ideais burgueses sem promover a reflexão sobre o contexto histórico em que estão situados; pois os adultos são confrontados com a história e a ideologia da sociedade. No conceito de infância, a criança é uma pessoa frágil, imatura, que precisa ser educada de acordo com os ideais e conceitos da época.

Aparentemente, na época esses documentos foram usados para “veiculação de conceitos comportamentais”. Esse objetivo pedagógico é voltado para a dominação das crianças, a literatura não é vista como arte, e se torna um fato negativo entre literatura e educação. Esqueça que a sala de aula é um espaço de formação de bons leitores que valorizam a leitura pelo simples prazer de viajar pela história, e a literatura, por sua vez, é um importante recurso para essa formação.

De um lado, o vínculo de ordem prática prejudica a recepção das obras: o jovem não quer ser ensinado por meio da arte literária; e a crítica desprestigia globalmente a produção destinada aos pequenos, antecipando a intenção pedagógica, sem avaliar os casos específicos. De outro, a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um importante setor de intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorada, muito menos desmedida sua utilidade (ZILBERMAN, 1987, p. 14).

Dessa forma, a literatura é frequentemente utilizada por educadores e professores para transmitir às crianças o mundo das normas e valores da classe dominante, sem análise. É uma arte que é utilizada como um importante recurso, envolvendo leitura estimulante, prazerosa, sempre destacando seu lado ficcional, permitindo que as crianças façam suas próprias interpretações de

textos escritos de forma divertida e lúdica. Por meio de uma boa história, é possível que uma criança aprenda sobre o mundo ao seu redor.

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para problemas que a perturbam (BETTELHEIM, 1980, p. 13).

No entanto, para que a literatura seja um recurso que estimule o aluno a encontrar prazer na leitura, o objetivo primordial do livro deve ser estimular a imaginação da criança. Portanto, a história deve ter imagens visuais ricas para chamar sua atenção. Essa literatura engaja e inspira a fantasia do aluno, transporta a criança para outro mundo imaginário, proporcionando assim uma experiência de leitura inesquecível que cria toda uma expectativa em torno do hábito.

Desta forma, cabe ao professor analisar a extrema importância e valorização dos livros utilizando a literatura considerada uma arte praticada de forma divertida e prazerosa, ou seja, uma literatura que promove o gosto pela leitura, a fim de trazer uma compreensão de mundo através das crianças, por outro lado, também incentivará os alunos a compreender de forma reflexiva e crítica a leitura escrita, pois segundo Zilberman (1987, p. 27) “isto significa por parte do professor, o reconhecimento de que a leitura é uma atividade decisiva na vida dos alunos, na medida em que, como se viu, permite a eles um discernimento do mundo e um posicionamento perante a realidade”.

Todavia, é necessário que o valor por excelência a guiar esta seleção se relacione à qualidade estética. Porque a literatura infantil atinge seu estatuto de arte literária e se distancia de sua origem

comprometida com a pedagogia, quando apresenta textos de valor artístico a seus pequenos leitores. E não é porque estes ainda não alcançaram o status de adultos que merecem uma produção literária menor (ZILBERMAN, 1987, p. 23).

Portanto, o uso da literatura decorre do uso pelo professor de textos de qualidade literária, que devem ter como objetivo a compreensão do mundo. Dedicado à literatura, onde a arte da literatura promove o gosto pela leitura e ajuda os alunos a compreender a sua realidade. Segundo Faria (2004, p. 19) “sabemos que o texto literário oferece ao leitor a possibilidade de “experimentar uma vivência simbólica” por meio da imaginação suscitada pelo texto escrito e/ou pelas imagens”. Dessa forma, por meio da experiência simbólica, as crianças podem avaliar o mundo, estar nele, adquirir uma espécie de conhecimento entre ficção e realidade e, aos poucos, ampliar o campo de leitura mediado pelos professores.

Dessa forma, ao escrever uma pesquisa sobre o prazer de ler, foi apresentado um estudo sobre o incentivo à leitura na educação infantil, e a literatura infantil foi rapidamente vista como um importante recurso para esse processo devido ao seu caráter lúdico, e as crianças começam a aprender todos os tipos de coisas sobre o mundo da leitura através de sua imaginação.

Vemos a criança fazer suas próprias suposições sobre o texto escrito, argumentar com suas ideias e opiniões, aumentar seu vocabulário e, por meio da história, conseguir expressar seus sentimentos, afirmando os personagens da história com os quais a criança pode se identificar.

Como se refere Bettelheim (1980, p. 16) “devido esta identificação a criança imagina que sofre com o herói suas provas e tribulações, e triunfa com

ele quando sai vitoriosa. A criança faz tais identificações por conta própria, e as lutas interiores e exteriores do herói imprimem moralidade sobre ela”.

Por isso, acreditamos que as crianças trazem para a sua realidade uma forma mais feliz de vivenciar a vida. A literatura, por seu caráter ficcional, possui fantasias que captam a atenção das crianças, que por sua vez sempre aprendem algo sobre história.

Conforme Coelho (2000, p. 164) “note-se, porém, que literatura infantil ocupa um lugar específico no âmbito do gênero ficção, visto que ela se destina a um leitor em especial, a seres em formação, a seres que estão passando pelo processo de aprendizagem inicial da vida”. Sabemos que as crianças podem trazer o conteúdo fantasioso das histórias para uma relação alegre com os livros, um processo permanente que não se limita à sala de aula. Uma vez que essa relação com a leitura é representativa no sentido de ampliar o conhecimento das crianças, a relação se estabelece por meio da imaginação no processo cognitivo entre o texto lido e o leitor.

[...] ao professor cabe detonar das múltiplas visões que cada criação literária sugere, enfatizando as variadas interpretações pessoais, porque estas decorrem da compreensão que o leitor alcançou do objeto artístico, em razão de sua percepção singular do universo representado (ZILBERMAM, 1987, p. 24).

Dessa forma, aprendemos que a literatura infantil apresenta o “mundo da leitura” às crianças de forma prazerosa. Pode fornecer um subsídio teórico para auxiliar no incentivo à leitura na educação infantil, para a qual os professores devem elaborar todo um trabalho que torne a leitura prazerosa para os alunos e respeite a individualidade de cada indivíduo.

Ressaltamos que os educadores devem reconhecer a importância de adaptar os livros às idades das crianças, levando em consideração as várias etapas que pertencem à literatura. Partindo desse pressuposto, é necessário compreender as etapas indicadas pela literatura, pois este é um elemento que contribui para o desenvolvimento de um trabalho em que as limitações, experiências e conexões de cada criança com os livros utilizados, bem como a história, são respeitados, o que é importante para a criança vir a fazer mais sentido e soa agradável.

Para literatura Infantil, têm sido consideradas três fases: a do mito, a do conhecimento da realidade e a do pensamento racional. Parecenos fundamental alertar para relatividade dessas informações. Os limites apresentados são teóricos. Na realidade, cada criança tem seu próprio limite, num desenvolvimento peculiar definido por muitos e diferentes fatores. Mais do que conhecer as fases do desenvolvimento infantil, importa conhecer a criança, sua história, suas experiências e ligações com o livro (CUNHA, 1991, p. 99).

Como foi dito acima, é preciso atentar aos pequenos detalhes que envolvem o trabalho com a literatura infantil e a fase é um deles, considerada como um ponto de referência como aponta Cunha (1991, p. 100) em seu livro “A narrativa para crianças”. Mas achamos que esse é um aspecto relevante da pesquisa que pode levar a uma melhor compreensão da literatura infantil, pois conhecendo os pequenos detalhes, alcançaremos o objetivo pretendido de incentivar a leitura prazerosa.

Por fim, destacamos a fase do mito, pelo seu caráter fantástico, onde se encontram mitos, lendas, alegorias, adequados para a faixa etária de 3 a 4 anos, o que achamos importante para o trabalho com crianças pequenas com o objetivo de educar.

Na fase do mito se encontram as crianças 3/4 a 7/8 anos. Predomina nelas a fantasia, o animismo: tanto quanto as pessoas, os objetos têm para a criança, alma reações. Não existe para ela diferença entre realidade e fantasia, e a leitura a ser feita para criança desta época é a que também não faz distinção: a literatura de maravilhas. Os contos de fadas, as lendas, os mitos e as fábulas são especialmente adequados a essa idade (CUNHA, 1991, p. 100).

Sabemos que esta fase é de particular interesse para a pesquisa, pois é projetada para ler para crianças de 3 a 4 anos e se conectar com mundos de fantasia. Lúdico é apresentado de forma alegre, concisa e divertida.

Assim, os livros com a fantasia como foco principal envolverão as crianças, com cada leitura renovando seu prazer de ler, a experiência necessária para se conectar com o mundo da escrita e sua capacidade de comunicação. Por outro lado, os contos de fadas na literatura destacam as fantasias e enriquecem os mundos das crianças, permitindo que elas aprendam a resolver problemas internos e a lidar com eles, mesmo que as histórias tenham sido inventadas antes de elas nascerem.

Na verdade, em um nível manifesto, os contos de fadas ensinam pouco sobre as condições específicas da vida na moderna sociedade de massa; estes contos foram inventados muito antes que ela existisse. Mas através deles pode-se aprender mais sobre os problemas interiores dos seres humanos, e sobre as soluções corretas para seus predicamentos em qualquer sociedade, do que com qualquer outro tipo de estória dentro da compreensão infantil (BETTELHEIM, 1980, p. 13).

Portanto é de extrema importância os professores saberem como utilizar a literatura em sala de aula com intuito de promover segundo Maria Alice Faria (2004, p. 08-09) em seu livro “Como usar a Literatura em sala de aula” “um universo lúdico, com criatividade”. Em seu livro, a autora não pretende reduzir a literatura infantil a um mero método de ensino, mas permitir que os

educadores percebam toda a riqueza de detalhes típicos dos livros infantis. São apontados os elementos básicos e práticos do trabalho cotidiano, tendo a narrativa de leitura como “ferramenta literária”, por outro lado, as ilustrações, como elementos constitutivos do livro, possuem diferentes funções e conexões com o texto escrito.

Dessa forma, Faria (2004, p. 12) enfatizou a importância do professor ler para as crianças na linguagem pedagógica e emocional, preferencialmente utilizando textos literários por ser considerado polissêmico, apresentando aos alunos um mundo de saberes, construir uma aprendizagem significativa. A brincadeira surge quando a leitura se torna uma forma divertida de ensinar, e quando a criança brinca, ela relaxa e se solta, misturando realidade com imaginação. Esses aspectos são importantes para apreciar uma leitura agradável.

Já o texto literário é polissêmico, pois sua leitura provoca no leitor reações diversas, que vão além do prazer emocional ao intelectual. Além de simplesmente fornecer informações sobre diferentes temas históricos, sociais, existenciais e éticos, por exemplo -, eles também oferecem vários outros tipos de satisfação ao leitor: adquirir conhecimentos variados, viver situações existenciais, entrar em contato com novas ideias, etc.

No entanto, a criação de literatura infantil em sala de aula deve saber usar a dramaturgia para contar uma bela história, em que fatos novos e interessantes são constantemente apresentados, cheios de aventuras e situações imprevisíveis, e tocam os espíritos das crianças (CUNHA, 1991, p. 97). Então, dessa forma, coloca a criança em um momento mágico, e a leitura proporciona momentos de alegria que fazem a criança ansiar por ouvir a história novamente.

Portanto, de acordo com Abramovich (1997, p. 21-22), para envolver as crianças em uma história, é preciso atentar para o uso do texto, criar

uma atmosfera geral envolvente, respeitar pausas e intervalos para que as crianças possam construir e visualizar sua cena imaginária. Evite descrições longas e enfadonhas, saiba falar, fale baixinho, levante a voz, preste atenção nas onomatopeias, deixe o ouvinte experimentar e entender sua posição; sempre comece a história com “senhas mágicas como era uma vez”, mantenha o ritmo e não se apresse para o fim. Termine a história de uma forma especial, mostrando à criança que tudo o que ela ouve está impresso no livro e ela pode ler quantas vezes quiser.

Os professores precisam inspirar emoção e curiosidade a cada passo da história.

O professor, para elaborar seu trabalho com a leitura de livros para as crianças, precisa ler primeiro essas obras como leitor comum, deixando-se levar espontaneamente pelo texto, sem pensar ainda na sua utilização em sala de aula. Em seguida, virá à leitura analítica, reflexiva, avaliativa (FARIA, 2004, p. 14).

Nesse caso, é imprescindível escolher um livro bem-feito, que aguace o olhar das crianças, com ilustrações interessantes. Os educadores devem gradualmente conectar textos escritos com visuais para tornar os momentos de leitura os mais prazerosos possíveis, deixando as crianças se sentindo hipnotizadas e emocionalmente despertadas pelas histórias.

Ouvir histórias é viver um momento de gostosura, de prazer, de divertimento dos melhores... É encantamento, maravilhamento, sedução... O livro da criança que ainda não lê é a história contada. E ela é (ou pode ser) ampliadora de referenciais, poetura colocada, inquietude provocada, emoção deflagrada, suspense a ser resolvido, torcida desenfreada, saudades sentidas, lembranças ressuscitadas, caminhos novos apontados, sorriso gargalhado, belezuras desfrutadas e as mil maravilhas mais que uma boa história provoca [...] (desde que seja boa) (ABRAMOVICH, 1997, p. 24).

Porque quando escolhemos uma boa literatura infantil com padrões, temos a oportunidade de brincar através da leitura, fazer do contato com o livro um momento interessante, escolher um bom enredo, e deixar a história acontecer de forma clara, com começo e meio e o fim, sobre a sequência de cenas.

Os professores precisam contar histórias com conhecimento, não improvisação, porque o sucesso das histórias está na simplicidade da narrativa e na autenticidade que inspira os jovens leitores.

Constada a importância da história como fonte de prazer para criança e a contribuição que oferece ao seu desenvolvimento, não se pode correr o risco de improvisar. O sucesso da narrativa depende de vários fatores que se interligam, sendo fundamental a elaboração de um plano, um roteiro, no sentido de organizar o desempenho do narrador, garantindo-lhe segurança e assegurando-lhe naturalidade. O roteiro possibilita transformar o improvisado em técnica, fundir a teoria à prática. O primeiro passo consiste em escolher o que contar (COELHO, 1986, p. 13).

Portanto, é necessário utilizar a literatura de forma artística que permita que as crianças se divirtam no processo de vivenciar uma história que, se bem escolhida, pode proporcionar ao ouvinte um recurso para refletir sobre si mesmo, levando a uma determinada experiência importante e duradoura para sua vida, pois segundo Coelho (2000, p.164) “Aquilo que não divertir, emocionar ou interessar ao pequeno leitor, não poderá também transmitir-lhe nenhuma experiência duradoura ou fecunda”.

Portanto, sua relação com a leitura deve ser sempre prazerosa, promovendo momentos de intensa vivência que enriquecem significativamente sua aprendizagem, pois a prática da leitura em sala de aula não pode faltar, principalmente os contos de fadas.

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significados em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança (BETTELHIM, 1980, p. 20).

Devemos sempre refletir sobre a prática educativa, procurar enxergar a particularidade de cada criança, sua relação com o mundo, pensar em uma proposta que vá além do modelo estabelecido de sociedade, que está pronta e feita, e estruturar ações de alguma forma para instigar os alunos a ir além do que é apresentado, ou seja, serem autônomos, criativos, inteligentes e aproveitarem significativamente seu aprendizado construindo novos conceitos.

Portanto, nossas intervenções, interações, mediações em leitura podem ajudar as crianças a construir conhecimento e desenvolvimento, utilizando a literatura infantil para proporcionar ao mundo infantil as diversas possibilidades de leitura, além de promover diversão, também pode expressar emoção, entretenimento, e também por meio do uso adequado para construir bons leitores.

Acreditamos que os professores devem valorizar a literatura infantil como uma atividade que enriquece a criatividade e a autonomia dos alunos, construída por meio de uma leitura prazerosa, onde os professores se comprometem a ler de forma divertida e focam seu trabalho na criança.

É impossível falar de leitura sem entender o que a leitura realmente desperta nas crianças: a emoção de ouvir, sentir, refletir, ver o mundo com mais alegria na vida. Que criança não será contagiada ao ouvir a história? Viver momentos de puro encantamento. A leitura, por sua vez, inspira os mais diversos sentidos, principalmente a alegria de ouvir belas histórias, que nos permitem viajar por um momento em mundos imaginários, mágicos, irreais, onde tudo é possível.

Portanto, acreditamos que a leitura nunca pode ser vista como um mero ato mecânico apenas para aprender a ler decifrando o código escrito, sem nenhuma iniciativa de levar o sujeito a refletir sobre seu próprio ato de ler e utilizar a leitura para o seu cotidiano. E esse tipo de reflexão pode trazer subsídios teóricos para transformar o conhecimento intelectual, moral e social de cada um.

Portanto, é certo que ao longo do processo de pesquisa, a leitura mostrou-se um importante recurso, e além de melhorar a alfabetização, a leitura também pode ser estendida à linguagem, aquisição de conceitos, de modo que os professores da educação infantil devem assumir sua própria responsabilidade de promover hábito de ler.

Os professores precisam desenvolver diferentes estratégias de leitura em sala de aula, principalmente envolvendo a literatura, pois se configura como uma forma divertida de envolver as crianças, principalmente a narrativa, que

por si só traz uma essência divertida que transforma tudo em brincar e o direito de aprender e refletir sobre o processo de leitura.

Acreditamos que assim as crianças se desenvolverão melhor, que brincar torna a aprendizagem mais significativa para as crianças. Como já mencionado, é responsabilidade do professor estimular as crianças a apreciarem uma bela história e a serem iniciadoras de experiências que as façam pensar e criar possibilidades de leitura.

Os professores precisam desenvolver diferentes estratégias de leitura em sala de aula, principalmente envolvendo a literatura, pois se configura como uma forma divertida de envolver as crianças, principalmente a narrativa, que por si só traz uma essência divertida que transforma tudo em brincar e o direito de aprender e refletir sobre o processo de leitura.

Acreditamos que assim as crianças se desenvolverão melhor, que brincar torna a aprendizagem mais significativa para as crianças. Como já mencionado, é responsabilidade do professor estimular as crianças a apreciarem uma bela história e a serem iniciadoras de experiências que as façam pensar e criar possibilidades de leitura.

Por fim, à medida que este trabalho se desenrola, gera mais certeza sobre a importância da leitura na vida acadêmica e profissional e, portanto, na vida. A leitura é um hábito que deve ser incentivado na família, e sua continuidade ocorre na educação infantil, pois é na infância que se lançam as bases para a vida adulta. Então, por que não incentivar a leitura nesta fase da vida? Mas deve ser um incentivo para aproveitar todo o entusiasmo e curiosidade da criança. Dessa forma, as crianças, como sujeitos de direitos e cidadãos, podem ter autonomia em diferentes manifestações.

Assim, este livro nos dá a oportunidade de refletir sobre nossa prática educativa e nos tornarmos melhores profissionais com maior compreensão do ato de ler. A leitura pode apresentar uma compreensão abrangente do mundo, e também é uma forma de autoeducação e descoberta dos mistérios do mundo.



FIGURA 4. Ler é pensar fora da caixa
Fonte: <https://br.pinterest.com>

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

BATISTA, Cleide Vitor Mussini. **Entre fraldas, mamadeiras, risos e choros: por uma prática educativa com bêbe**. Londrina: Maxiprint: 2009.

_____. **Hora do conto: um espaço para brincar com as palavras**. In: PASCHOAL, Jaqueline Delgado (org.). Trabalho pedagógico na educação infantil. Londrina: Humanidades, 2007.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada: literatura e teoria**. Rio de Janeiro: Paz Terra, 1980.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Letramento e alfabetização: implicações para a educação infantil**. In: GOULART, Ana Lucia de Faria; MELLO, Suely Amaral (org.) O mundo da escrita no universo da pequena infância. Campinas: Autores Associados, 2005.

COELHO, Beth. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1986.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **A narrativa para crianças**. In: _____. Literatura infantil: teoria e prática. 12ª ed. São Paulo: Ática. 1991.

DIDONET, Vital. **Educação infantil**. Humanidades, Brasília, 2002.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: contexto: 2004.

FORTUNA, Tânia Ramos. **A reivenção da infância**. Revista Pátio Educação Infantil, Porto Alegre, v. 2, n. 6, p. 18-21, 2005.

FREIRE, Paulo. **Importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 41ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FRIEDMANN, Adriana. **Panorama e perspectivas da infância no século XXI**. In: _____. O universo simbólico da criança. Petrópolis: Vozes, 2005.

LEITE FILHO, Aristeo. **Proposições para uma educação infantil cidadã**. In: GARCIA, R. I; LEITE FILHO, A. (org.). Proposição para uma educação infantil cidadã. em defesa da educação infantil. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARTINS FILHO, Altino José. **Culturas da infância: traços e retratos que as diferenciam**. In: MARTINS FILHO, Altino José (org.). Criança pede respeito: temas em educação infantil. Porto Alegre: Mediação, 2005.

MENDONÇA, Cristina Nogueira. **Abordagens de projetos na escola da infância.** In: PASCHOAL, Jaqueline Delgado (org.). Trabalho pedagógico na educação infantil. Londrina: Humanidades, 2007.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado (org.). **Trabalho pedagógico na educação infantil.** Londrina: Humanidades, 2007.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MELLO, Suely Amaral. **A importância dos jogos e das brincadeiras na infância.** In: PASCHOAL, Jaqueline Delgado (org.). Trabalho pedagógico na educação infantil. Londrina: Humanidades, 2007.

PERROTI, Edmir. **Confinamento cultural, infância e leitura.** São Paulo: Summus, 1990.

PINTO, Alvaro Vieira. **O Problema da alfabetização.** In: _____. Sete lições sobre educação de adultos. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, Anilde Tombolato Tavares. **Infância e rememoração: reflexões possíveis sobre a experiência do brincar.** In: PASCHOAL, Jaqueline Delgado; BATISTA, Cleide Vitor Mussolin; MORENO, Gilmar Lupion (org.). As crianças e suas infâncias: o brincar em diferentes contextos. Londrina: Humanidades, 2008.

TERZI, Silvia Bueno. **A construção da leitura: uma experiência com crianças de meios iletrados.** São Paulo: Pontes, 1995.

TONUCCI, Francesco. **A verdadeira democracia começa aos três anos.** Revista Pátio Educação Infantil, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 16-20, set./out. 2005.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura na escola**. 8ª ed. São Paulo: Global, 1987.